

No centro urbano as maiores modificações

Mesmo reunindo as condições necessárias de um verdadeiro centro de cidade, o centro urbano, de Brasília na opinião de vários arquitetos, deixa muito a desejar como espaço propício ao intercâmbio cultural e às relações sociais.

Dividido pelo Eixo Monumental e pelos setores de Diversão, Cultural, Bancário, Hoteleiro, de Autarquias, Hospitalar e de Rádio e Televisão, o centro urbano é hoje o local da cidade que sofreu maiores modificações a partir da sua concepção original.

Na proposta de urbanismo de Lúcio Costa, todos os setores deveriam ser "adequados ao convívio e à expansão", mas o que está ocorrendo atualmente é que, de fato, somente na Plataforma Rodoviária, a vida urbana se prolonga além do período diurno. Nos demais lugares, a especialização excessiva condena-os ao esvaziamento praticamente total,

logo que é encerrada a jornada diária de trabalho. Algumas sugestões que constam na proposta original, como por exemplo, a incorporação à Esplanada dos Ministérios e aos setores Comercial e Bancário de espaços para bares, restaurantes, papelarias, viriam a diminuir a segregação absoluta que hoje lá existe. Segundo a arquiteta Maria Elaine Kohsdorf, em um trabalho sobre a *gestalt* urbana da cidade o centro de comércio do Plano Piloto, por exemplo, resultou em um tipo de espaço fechado, os *shopping centers* que se constituem no oposto dos espaços genuinamente urbanos, como as ruas, praças, largos etc.

Este tipo de arquitetura enclausurada não oferece as atividades que, historicamente, deveria oferecer, como o encontro, a interação e a comunicação das pessoas.

Em relação ao parque previsto para o intervalo entre a

Rodoviária e a Torre de Televisão, de acordo com o arquiteto Edgard Graeff, do IAB, a solução encontrada para a ligação das W-3 Sul e Norte dispersou um dos poucos locais que ainda propiciavam um centro de interesses humanos. A fonte luminosa, com os pipoqueiros e carrinhos de sorvete, e o movimento das pessoas que davam à cidade um ar provinciano, foram substituídos por uma fria estrutura de concreto sem vida, a partir das seis horas da tarde.

Sobre a W-3, que dilui o comércio do centro urbano, o arquiteto Graeff sugere que os administradores da cidade dificultem a estabilização de atividades comerciais em locais impróprios. Segundo ele, parece existir uma vontade de se facilitarem condições para a afirmação da W-3 como setor de comércio, com o aumento dos estacionamento, a ampliação das pistas etc.

De acordo com o arquiteto

Frederico Holanda, professor da UnB, os setores médico-hospitais apresentam o mais baixo índice de ocupação proposto pelo centro (0,12), e não têm maior expressão espacial, sendo que, dificilmente, poderão ser incorporados como espaços significativos da área central.

Ainda na opinião de Holanda, o Setor Hoteleiro é o espaço mais inexpressivo do centro urbano, em função da pouca ocupação e da pobreza ambiental gritante. Quanto aos setores de Rádio e TV, isolados, empobrece o espaço onde se situam, além de prejudicarem seu próprio desempenho.

Deve ser lembrada ainda, a entrevista de Lúcio Costa, concedida em 70, à *Revista do Clube de Engenharia*, e que se referia às modificações do seu plano: "A primeira condição para se administrar Brasília é gostar de Brasília, a segunda é conhecer o plano, a terceira, respeitá-lo.